

ILUSTRAÇÃO PORTUGUEZA



II SÉRIE - N.º 715

— 3 de Novembro de 1919 —



15 c.

ILUSTRAÇÃO PORTUGUEZA

Edição semanal do jornal "O SÉCULO"

Director — J. J. DA SILVA GRAÇA
Propriedade de SILVA GRAÇA, LTD.
Editor — ANTONIO MARIA LOPES

NUMERO AVULSO, 15 ctv.
Numero avulso em todo o Brazil, 700 réis.

ASSINATURAS: Portugal, Colonias portuguezas e Espanha:
Trimestre 1890 ctv.
Semestre 3875 »
Ano 7550 »

Redacção, administração e oficinas: Rua do Seculo, 43 — LISBOA



Perfumes e veloutines a peso. Produtos de beleza e manucur.

DUARTE & ARAUJO L. DA (Tele) 79-C gramas DUAROURO

SIFILIS — COMO CONHECE-LA?

E' A ANALISE DO SANGUE o meio geralmente conhecido, usado e preconizado para se conhecer se realmente se tem contraído a sífilis. Apesar d'isso, porém, não é raro a analyse feita a um autentico sifilitico dar negativa, por a doença não estar em evolução franca, ou para melhor compreensão, estar embuscada.

Pois ha uma forma muito mais pratica e extremamente comoda, sem os inconvenientes que traz a extracção do sangue aos fracos de animo e nervosos, que é o tomarem a titulo de experiencia alguns tubos de *Depuratosol*. Se tiverem as triviaes tonturas de cabeça, dores, pesadelos, manchas ou feridas pelo corpo, e tantas outras manifestações da sífilis e elas tenham origem nessa doença, *hão de fatalmente* abrandar e desaparecer por completo, com a continuação do tratamento pelo *Depuratosol*. Se, pelo contrario, elas persistirem, então o mal é outro, e outro deverá ser tambem o tratamento, devendo

para isso procurar um medico para saber o caminho a seguir. Desta forma ficarão certificados ou desiludidos, sem a menor desvantagem ou inconveniente, pois o *Depuratosol*, sendo inteiramente inofensivo ao organismo e só atacando o bacillus da sífilis, nenhum mal lhes fará, antes pelo contrario, lhes purificará o sangue, com o que só tem a lucrar quem prudentemente o usa. Este processo recomendado, é *absolutamente seguro* e tem sido seguido por inumeras pessoas e recomendado por muitos medicos.

Como é sabido, a sífilis que tanto pode ser hereditaria como contraída pelo contacto (até num simples beijo!) é a doença mais perigosa que existe, pelas funestas consequencias a que dá origem. Com o uso do *Depuratosol* faes perigos desaparecem por completo.

Cada tubo para uma semana de tratamento, 1825; 6 tubos, 6830. Pelo correio, porte gratis para toda a parte.

Depositorio geral em Lisboa:—Farmacia J. Nobre, 109, Rocio, 110. A' venda no Porto, na Farmacia Dr. Moreno, Largo de S. Domingos, 44. Em Coimbra, Drogaria Marques, Praça 8 de Maio, 35 e 36. Em Braga, Farmacia dos Orfãos, Praça Municipal. Em Evora, Drogaria Martins & Mata, Rua João Deus, 64. Em Setubal, antiga Casa Supardo. Em Tomar, Farmacia João Torres Pinheiro & C.ª. Na Figueira da Foz, Farmacia Sotero.

Depositorio nos Açores, Farmacia Camara, Em Loanda, Farmacia Dantas, Valadas & C.ª e em todas as boas farmacias e drogarias.

Loja MODELO

Casa especial de espartilhos e meias. Uma visita ao nosso estabelecimento devem Vv. Ex.ªs fazer, a titulo de experiencia.

ROCIO, 4 e 5 — Telefone 2:566

Perfumaria Balsemão

141, RUA DOS RETROZEIROS, 141
TELEPHONE Nº 2777-LISBOA

CASAMENTOS

DESEJAM casar-se legalmente uma senhora viuva, brasileira, digna e instruida, de 44 anos, sem filhos, e com fortuna superior a 70 contos, dos quaes a maior parte está em inscricções, e uma menina orfã, de 18 anos de idade actualmente num recolhimento, instruida, elegante, filha de distinta familia, com dote de 38 contos, com homens honestos e que possam provar a sua dignidade, exigindo-se serias informaçoes, embora não possuam grandes melos. Quem se julgue nas condições dirija-se (com selo para resposta) a *M. Club of New-York-Porto*. Responde-se a todas as cartas e guarda-se absoluto segredo. Esta casa já tem realizado distintos casamentos em Portugal e outros muitos que já estão em relações directas.

Reconstituente
Alimento Phosphatado

BANANINE MIALHE

Creanças, Convalescentes,
Tratamento das enterites

8, Rue Favart, Paris



Coroas

Onde ha o mais chic sortido e que mais barato vende, por ter fabrica propria, e na

Camelia Branca
L.ª D'ABEGOARIA, 50
(ao Chiado) - Tel. 3270

M. ME Tula

Campo Grande, 264, 2.º — LISBOA



Trabalhos só pelo Bem



Eslarrece todos os assumptos. Cura obsessões de Espiritos e mal occulto, por espiritismo e magnetismo; realisa casamentos, harmonisa perturbações domesticas entre casados ou zangas entre namorados, e t.c., conduzindo pelo melhor caminho para chegar ao fim desejado e á Felicidade. Consultas a 2500, 58000 e 108000. Enviar 200 para resposta de carta.

ILUSTRAÇÃO PORTUGUEZA

EDIÇÃO SEMANAL DE «O SECULO»

II Serie — N.º 715

Lisboa, 3 de Novembro de 1919

15 Centavos

CRONICA

A EXPOSIÇÃO DE CRISANTEMOS

Duas vezes por ano os srs. Alfredo Moreira da Silva & Filhos, horticultores portuenses, veem até Lisboa, em missão artística, fornecer-lhe a nota mais encantadora da Primavera e do Outono. Dispõem no palacio da Sociedade Nacional das Belas Artes, que é na verdade, o logar mais adequado ao seu gentil cometimento, os deliciosos produtos dos seus jardins e hortas, e aí, Lisboa, pelos seus representantes de maior categoria, accorre pressurosa a recebê-los e a agradecer-lhes a visita, breve, infelizmente, porque de sua natureza não podia ser longa.

Na visita de Outono a primasia pertence aos crisantemos e são eles que dão o nome á exposição, apesar de acompanhados por outras lindísimas flores e por deliciosas frutas; e, sendo os crisantemos, para nós, a flôr que reúne o menor numero de requisitos que na flôr atraíem, na cor, na forma, no aroma, os srs. Alfredo Moreira da Silva & Filhos conseguem pela delicadeza com que as dispõem ou por outros meios que o publico não descortina e que constituem, afinal, o segredo da Arte, que elas nos atraíam como as suas irmãs mais da nossa simpatia, e que d'elas nos despeçamos com saudade, passados os tres dias de demora entre nós.

Adeus, até ás rosas da Primavera...



JOGO

Ha duas semanas manifestámos, com regosijo mal disfarçado, a convicção em nos encontravamos de que o jogo de azar tivesse sido, finalmente regulamentado, convicção baseada em factos por nós presenciados, muito de extranhar se ele continuasse a ser proibido. Pois senhores: não está tal regulamentado, como se depreende da seguinte noticia ha dias inserta nos jornais da capital:

«Jogo n'uma cocheira. O cabo 185, da esquadra de Campolide, andava de ronda na sua area e notou que entrava grande quantidade de individuos suspeitos para uma cocheira ao fundo da rua General Taborda, como quem volta para a calçada da Estação, antiga calçada dos Mestres. Cuidando tratar-se de alguma reunião politica, foi buscar pessoal á esquadra e cercou a cocheira, assaltando-a ao romper do dia e prendendo 25 «pontos», que ali estavam jogando o monte.

Estão no calabouço do governo civil, tendo conseguido um d'elles fugir».

Como ninguem de bom senso poderá supôr que o monte constitue delicto quando é jogado n'uma cocheira e é uma diversão licita quando é exercida n'um palacio, não temos outro remedio senão con-



fessar que mais vez nos iludimos e que não procedemos bem, porque, embora na melhor das intenções, cometemos uma delação. Podem os frequentadores dos «clubs» luxuosos ir pondo as barbas de mólho, visto que as dos visinhos e colegas das cocheiras estão a arder.

EM CÔRTEES

Avisam os jovens monarquicos, integralistas, pela pena de um dos seus membros de maior vulto, que são prematuras todas as hipoteses que se formularem sobre quem será o novo proprietario da coroa real portugueza, definitivamente posta fóra do alcance de D. Manuel de Bragança, pelos mesmos integralistas; assim, a publicação do retrato de certo principe da mesma casa, feita pelo «Seculo», com a anotação de que era o escolhido, prova, segundo o signatario do aviso, inteiro desconhecimento dos preceitos que regem tais atos, pois que não é um simples agrupamento que escolhe ou elege um monarca, mas as côrtes da nação, como diversas vezes se tem visto em datas citadas pelo referido e ilustre integralista, que prudentemente não alludiu ás de Lamego, certamente por não terem existido, segundo autorizadas opiniões.



Foi, efectivamente, açodado o autor da legenda que acompanhava a gravura. Espere e esperemos todos que as côrtes reunam e assim se evitarão precipitações de reportagem.

MAIS UMA VEZ O EX-KAISER

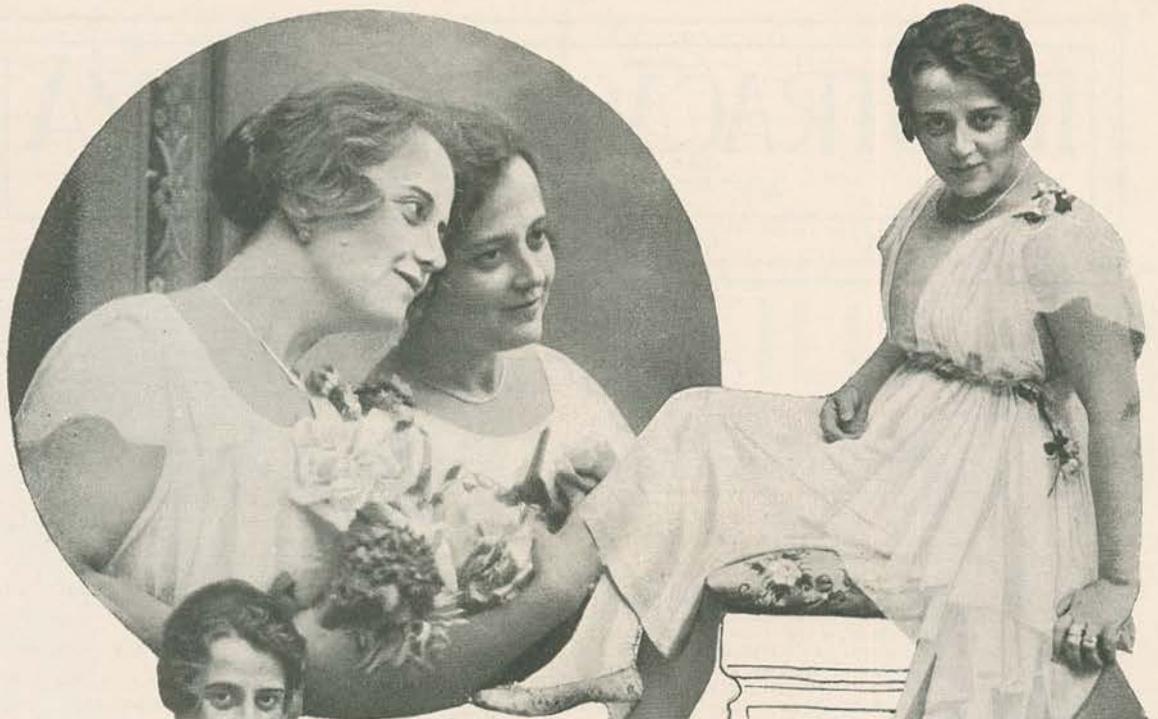
Um fotografo, que é ao mesmo tempo habilissimo «reporter», conseguiu, disfarçando-se em carroceiro, fotografar o ex-kaiser por cima d'um muro, na ocasião em que este divagava quasi abandonado em seu jardim no castelo de Amerongen. Em breve a imprensa de todo o mundo conhecerá o destronado imperador, d'antes tão avido de exhibição, no seu aspecto de retraído, de «fisíonomia nova e com a barba imprevisista» segundo o telegrama transmitido de Paris para o «Seculo».



...De retraído, dissemos, mas quem nos afirma que o soberano deposedo não fique, no intimo, satisféitissimo por que o conheçam na sua ultima fase? O «imprevisista» da barba, ao mesmo tempo que excita uma justificada curiosidade, deixa presumir que o ex-kaiser ainda não perdeu completamente a mania da originalidade. Até que o retrato se publique, são licitas todas as fantasias dos caricaturistas.

Acacio de Paiva.

(Ilustrações de Rocha Vieira).



COMO EU ME DEDIQUEI AO TEATRO

por *Etelvina Serra*

Etelvina Serra, a gentil e popular artista, conta hoje ao publico um dos mais curiosos trechos da sua vida de artista. Como eu me dediquei ao teatro é um sensacional capitulo de memorias onde ha, n'uma prosa leve e elegante, curiosas revelações e notas curiosas da sua vida de mulher e de artista.

Tão longe quanto alcança a minha memoria nas recordações da infancia eu vejo-me sempre dominada pela atração do teatro, o que até certo ponto, era devido ao meio. Todos na minha familia—onde aliás não ha mais nenhum ator ou atriz—teem grande predileção pelo teatro e ouvi sempre em petiza discutir apaixonadamente os artistas dramaticos mais em evidencia na ocasião.

Aos quatro anos eu brincava «aos teatros», preferindo esse divertimento a qualquer outro e era notável a atenção com que assistia aos espetáculos.

Desde essa idade cantava as canções em voga, com uma vozita muita afinada, muito a tempo com o piano. Foi por essa razão que, d'uma vez, andando meus pais muito empenhados em tornar atraente um beneficio que se realisaria no teatro da Trindade para um professor doente, meu pae se lembrou de me apresentar n'esse espetáculo.

Lembro-me de tudo isso como de um caso de hoje.

Meu pae conversava com minha mãe na casa de jantar. Eu, no quarto ao lado, estava na cama, porque tinha febre. De repente meu pae diz: «E se a Etelvina fosse cantar qualquer coisa? Um trecho de uma peça, por exemplo, vestida a character?».

E minha mãe, na sua voz branda, respondia:

—«Sim. Isso tinha graça. Mas... ela será capaz?»

E eu, sentei-me na cama, toda vibrante e gritei de lá: «Sou capaz, papá! Sou sim. Sou capaz!»

Escolheu-se a «canção da cidra» dos «Sinos de Corneville».

Foram os meus paes os mestres improvisados para essa minha primeira estreia. Eu andava raliante. Foram esses os dias mais felizes de toda a minha infancia. Ia ter um vestido de cauda e cabelos loiros compridos — uma cabeleira postiça — que os meus andavam cortados á inglesa como era então moda. Minha avó abriu um armario onde guardava meia duzia de vestidos de seda do tempo da sua mocidade e um d'elles foi transformado na «toilette» da «Rosalina».

Na vespera fez-se um ensaio com a orquestra. Logo á primeira vez cantei os meus «couplets» muito certinhos. Mas, não tomei a respiração n'um dos pontos indicados por meu pae e assim custou-me a sustentar uma nota que era um tanto aguda para a minha voz de criança. Diz o «maestro» Miguel Gomes para meu pae: «O' Ser-

ra, é talvez melhor baixar meio tom?»—Meu pae respondeu: «Talvez, sim.» Cantei novamente, a orquestra fazendo o transporte, e então não me esqueci de respirar muito bem antes da nota celebre.

Diz-me o «maestro»: «Então não acha que assim é melhor?»

Pois não cantou agora com mais facilidade?»

Eu, que não queria confessar o motivo da diferença que era o meu esquecimento, respondi muito convencido: «Eu canto bem em todos os tons».

Foi uma gargalhada de todos os assistentes pela espanholada, afinal inocente.

Foi a tão apreciada artista Amelia Barros quem no seu camarim e carinhosamente me ajudou a vestir e enfeitar.

Distraídamente iam-me despir diante da porta aberta — era uma petiza de 8 anos — quando fugindo para um canto eu lhes disse cheia de importancia: «ai não, que me veem os homens».

Como era natural — visto que tinha 8 anos e não me enganei em nada — tive um verdadeiro successo. O pano subiu cinco vezes para eu receber os aplausos e ao regressar a casa n'essa

noite, n'um trem cheio de flôres, «bonbons» e bonecas, eu pensava que quando fosse mulher seria atriz e em todas as noites seria assim, me aclamariam doidamente e me dariam muitas bonecas e muitos «bonbons».

Mais tarde com dez anos, doze, representára em Sacavem, onde então morava, com amadores d'ali. Consideraram-me «um fenomeno» esses meus

bons amigos. Um dia, tendo treze anos, disse muito seriamente á minha mãe que queria ser atriz, minha mãe respondeu-me n'um tom que não admitia discussões: que não queria tornar a ouvir-me dizer semelhante coisa e pouco depois com o pretexto de que já estava muito crescida proibiu-me de representtar.

Depois d'essa santa deixar o mundo dei entrada no Conservatorio para estudar piano e canto para ser



professora porque eu queria ganhar a «minha vida».

E n'esse dia o professor de canto dizia ás alunas que tendo-se creado novamente uma aula de Arte Dramatica era conveniente que a frequentassem especialmente as que se destinavam ao «teatro de canto», e mesmo as que se destinavam ao professorado, visto que teriam de lecionar senhoras que queriam seguir essa carreira. E que em todos os casos a adquiriam com conhecimentos literarios sempre interessantes na educação d'uma senhora.

Convenci, com algum trabalho, meu pae a deixar-me frequentar o curso dramatico «para ter os taes conhecimentos» unicamente. Para o fim do curso os professores disseram a meu pae que era uma pena cortar-me a carreira por que eu tinha um futuro garantido no teatro. Meu pae e toda a familia opuzeram toda a resistencia que puderam. Veni, tinha fé.

O teatro Nacional abria-me as suas portas, mas, naturalmente, como discipula, com um ordenado insufficientissimo para as necessidades. Eu tencionava accitar. No mesmo dia em que devia apresentar-me no Nacional, recebi proposta de Sousa Bastos, que me tinha visto nas provas finais do meu curso e me oferecia noventa escudos.

Consultei o meu querido mestre D. João da Camara, que me disse, olhando-me por sobre as lunetas e sorrindo:

«O' Serrasinha eu com o seu mestre gostava muito que fosse para o Nacional, co-



No tempo do Conservatorio.



O primeiro retrato de atriz.



mo seu amigo aconselho-a a ir para o Avenida. De resto isso é uma época. Depois tem as portas de todos os teatros abertas».

Entre um mestre e um amigo não ha que hesitar, segui o conselho do amigo.

Debutei na peça «Fausto, o Petiz» em novembro de 1904. Foi Palmira Bastos a minha madrinha de teatro. Foi ela quem guiou os meus primeiros passos na scena, quem me ensinou a caracterisar e quem me pintou a calêta para a primeira noite.

Eu estava nervosa, já se vê. O bom Alfredo de Carvalho que vinha buscar-me ao bastidor disse-me: «não tenha medo que eles estão muito bons!» Logo na minha entrada cantava um «couplet» que foi muito aplaudido.

A noite tinha corrido muito bonita, quando ao findar o espectáculo um colega que não tinha tido a felicidade de agradar muito, teve a infeliz idéa, de por qualquer fórma imprudente, provocar o mau humor do publico, que se expandiu n'uma pateada. Para a minha alma

de criança artista, aquilo tomou fóros d'uma verdadeira desgraça e sentindo a simpatia do publico por mim, tive o gesto impulsivo de dar a mão ao artista.

Souza Bastos saltou ao palco onde estava sen lo chamado, abraçou-me e disse-me: «Não faças isso! Tu és doida? Tu nem sabes o que fizeste que podias voltar o publico contra ti».

Eu então desatei a chorar desesperadamente, abraçada a Palmira Bastos. Quando o publico me viu assim tão afflicta, nos braços d'aquella sua artista

querida, irrompeu n'um delírio de aplausos, todas as senhoras de pé nos camarotes, e muitas que hoje leiam isto se lembrarão de ter levado os lenços aos olhos, onde a simpatia pela «petiza» trouxera lagrimas.

Assim acabou a noite da minha estreia, essa noite cheia de emoções que não esquecem e que já lá fica tão longe.

D. João da Camara, o meu saudoso mestre, dizia que recordar é viver. Creio que sim, como o doce creador de «Os Velhos», o enamorado artista que levou a vida na quimera e no sonho, sempre tão bom, sempre tão grande, sempre tão cheio de modestia e de talento. Recordar é bom, se bem

que ás vezes seja amargo. E' por vezes como que a covelada brutal do Hoje despertando o Hontem perdido e que não volta mais. E' a vida, que fazer... Mas

hoje que a mocidade vae fugindo e o Ideal de Arte que parecia tão proximo, se me afigura infinitamente distante, como eu tenho saudade d'esses bons tempos, em que eu dizia que «cantava bem em todos os tons» e julgava sempre «que era capaz». Ora! Se era capaz!...

Querem alguns que a vida seja um perpetuo recommencar, uma especie de Sisipho rolando o seu penedo, sem conseguir nunca dar a tarefa por terminada. E' possivel, quem sabe...



Elvira

DO CAPITÓLIO À ROCHA TARPEIA



Guilherme, ex-imperador da Alemanha, no exílio. — A sua vida de hontem e a sua vida de hoje. — Reporters audaciosos. — Como o Kaiser se defende dos jornalistas.

Guilherme II, imperador da Alemanha. Guilhermo, o exilado, passeando nos jardins do Castelo de Amerongen, na Holanda.

Guilherme II, rei, imperador, super-homem, esteve no Capitólio. O Capitólio chamava-se Berlim. Então era o



difícil conseguir focar o kaiser, o general Dommel, seu ajudante, e a ex-imperatriz. A tarefa não foi levada a cabo sem que o ex-imperador desconfiasse, invectivando os audaciosos «reporters» que confessaram o... crime, dando ao mesmo tempo às de Vila Diogo. A policia prevenida deteve-os, apreendeu a maquina, mas não contava que a maquina estivesse vazia. Se os endiabrados «reporters» não tem passado a um terceiro os «clichés» obtidos não seria o leitor nem o mundo inteiro que veria a recente cara do que foi rei, imperador e super-homem Guilherme II. E' bem verdade que vae apenas um passo do Capitólio á Rocha Tarpeia.

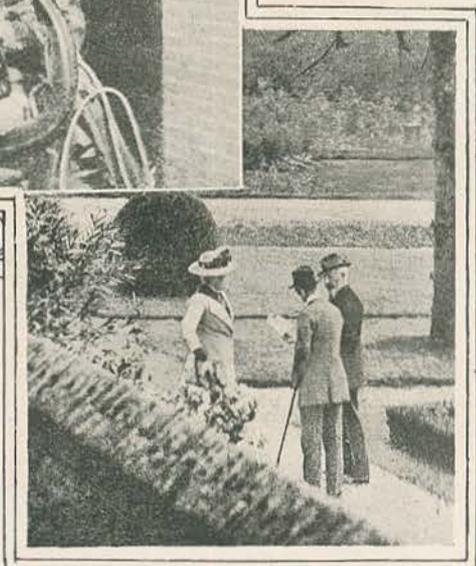


A carroça de feno tendo em cima o fotografo, no jardim do castelo?

enorme ambicioso coroado cujo sonho demesurado encheu de gritos, de raivas, de morticínios, trevas, sangue e gritos o mundo quasi todo. Hoje tem a sua rocha Tarpeia que é o Castelo de Amerongen. Hontem era um grande rei cheio de gloria. Hoje é um exilado, um rei sem trono, imperador sem imperio, super-homem sem grandeza. No Capitólio-Berlim o ex-imperador buscava o objéto dos fotografos para ostentar o esplendor dos seus multiplos uniformes. Hoje, na Tarpeia-Amerongen ele furta-se a elas, cercando-se de cuidados e de vigilancia para não ser fotografado.

Dois audaciosos jornalistas juraram fotografar o kaiser, apesar de tudo e se bem o juraram, melhor o puzeram em pratica. Tentava-os a empreza, tanto mais que o ex-kaiser mudara absolutamente de fisionomia, agora emoldurada por uma crescida barba. Arranjaram uma carroça carregada de feno onde um se escondeu enquanto o outro guiava. Assim não lhes foi

O reporter que fotografou o ex-kaiser. O ex-kaiser e o seu ajudante falando com a ex-imperatriz.





A TORMENTA por Madame Girardet (Salon de 1906)

As Maravilhas da Escultura Moderna

O estatuário do Padre Antonio Vieira — Maravilhas da pedra moderna — O que alguns dos grandes escultores tem feito — Evocam-se nomes, recordam-se obras — A escultura portugueza para breve — Rodin — O que se reproduz.

«A RRANCA o estatuário... e o leitor sabe de cór todo o

trecho do padre Antonio Vieira. Pois é da estatuária que se trata, das suas maravilhas que são infinitas, porque a escultura é das artes de mór tradição, de mór nomeada e de mais bem ganhos pergaminhos. E' a Arte de Phidias e Praxiteles se não quizermos dizer que é a arte dos Deuses. Pois não fez Deus o homem de argila informe e não lhe insuflou depois a vida que ainda hoje ele vive? Deus foi, pois, o primeiro escultor e a ele se seguiram, imitando-lhe o exemplo, todos os gregos e romanos e toda a famosa antiguidade. Todos até esse Miguel Angelo, famoso, e d'aí até aos do nosso tempo, menos gigantescos, muitissimo mais humanos. E hoje, dos que a gente aprendeu a amar, fazedores de cousas encantadoras, muitos ha. Uns cheios de genio ou cheios de exotismo, como esse Rodin ha pouco morto, outros classicos, rigidos, como Gerome, ou delicados e artistas como Rude ou Falguière, todos enfim povoam a nossa vida de figuras a que só falta que um Deus as contemple e anime com o seu sopro de vida, animado e creador.

Charpentier, Mègret, Millet, Breton, Hugues, Moreau, Larroux, Collet, etc. O que aí iria de nomes, o que seria de citar obras se por acaso todos se evocassem!

Só esse Rodin, brutal, imenso, com tanto genio dizem uns que até depois de morto lh'o quizeram arrancar. Mas asseveram outros que ele tinha audacia apenas. Não sofre duvida quanto a nós que ele fosse um escultor enorme e invulgar. Original sobretudo. A sua obra é bem alguma coisa, nada academica nem convencional. E' curiosa, é interessante, com o seu ar de bloco inacabado e informe, mas ressumando arte, respirando audacia.

Quanto ás maravilhas da escultura elas são infinitas. E' que a escultura é uma arte rica entre todas as artes,



BACCHANTE por Moreau Vauthier (Museu do Luxemburgo)

e das que mais vivem no tempo. Já o dobar dos seculos destruiu as telas preciosas, soterrou cidades, fez mudar de aspecto a face da terra. Mas a pintura fragil, como as letras desapareceu. A escultura essa, fragmentada ou ainda esplendente na sua beleza, ficou para atestar pela imensidade dos tempos, o genio do homem, que creando-a, parodia Deus. E bem fez Vieira, elogiando o estatuário na sua prosa classica e rendilhada. Bem fez.

Entre nós são maravilhas autenticas algumas das obras, senão todas, de Soares dos Reis, o extraordinario e genial artista que a morte enfeitiçou quando tanta beleza ainda nos podia dar.

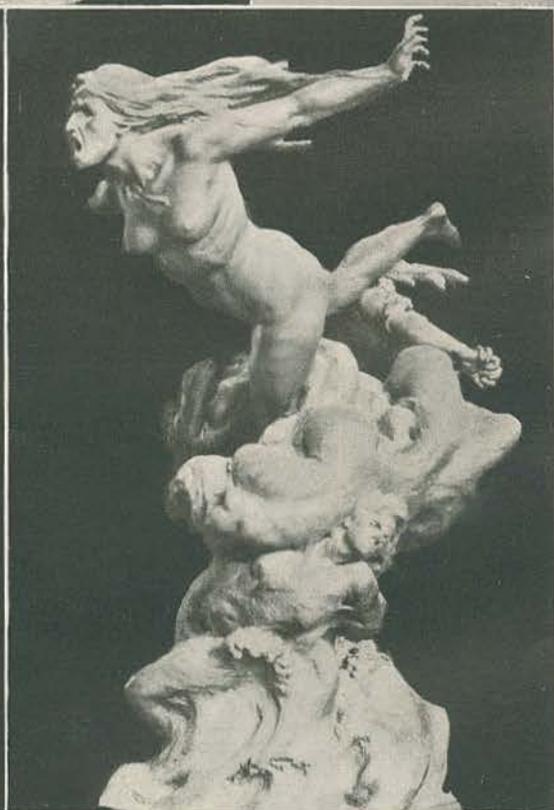
Quando se contempla a sua «Ingleza» a gente fica duvidando se é a pedra inanimada e bruta ou se contemplamos alguma ingleza condenada a encantamento perpetuo, mas que já teve vida, já, como nós pensou, sofreu, agiu, amou, sentiu.

E é sem duvida uma be-



la obra essa de Augusto Santo, como maravilhas são algumas deliciosas coisas de Teixeira Lopes. Essa «Viuva» por exemplo. Digam-nos se ante o grupo contorcido pela dor alguém ha que não sinta e com cie não sofra e se comova. Deante da sua «Historia» tão calma, tão animada da serenidade dos seculos, angusta e magestosa quem ha que não sinta a fragilidade das cousas terrenas. E não serão ainda trabalhos dignos de amor, de estudo, de admiração algumas pedras, marmores deliciosos a que Simões de Almeida tio e sobrinho, Francisco Santos, Costa Mota tio e sobrinho, Maximiliano Alves, Franco de Sousa e outros deram vida e sagraram com o inconfundivel sopro creador do talento?

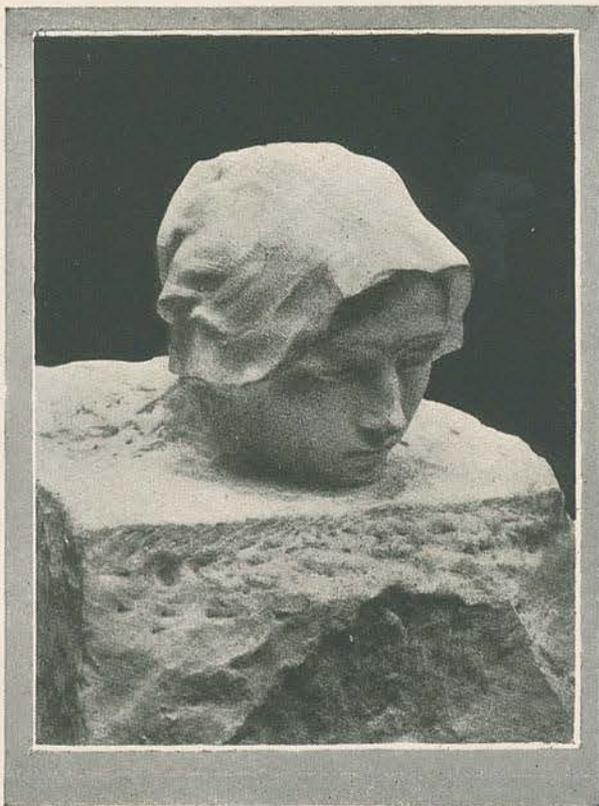
As maravilhas da escultura moderna muitas são. Patrimonio da humanidade, quinhão de beleza eterna e serena elas são a afirmação de que nem só o mal, á face da terra tem semeado o homem.



O RAPTO por Augusto Suchetel, (Palacio das Belas Artes, Paris). — OS REMORSOS por Aimé Octobre, (Palacio das Belas Artes, Paris). — A TEMPESTADE por Raul Larche, (Palacio das Belas Artes, Paris)

As maravilhas da escultura são infinitas e o leitor tem reunidas nas poucas paginas d'esta divagação algumas d'elas. Não obedeceu a escolha senão a razões de simpatia, e assim aqui ficam «A Tormenta», emocionante grupo de M^{me} Girardet, a «Bachante» de Moreau Vauthier, os gigantescos grupos de Sachet «O rapto», de Raul Larche «A tempestade», e o de Aïmé Octobre «Os remorsos»; aqui estão as duas obras de Paulo Roger-Bloche «A Fome» e «O Frio»; as «Céguinhas» de Lefebvre e «Os Fundidores» de Meunier, as obras de Rodin e de Coutheillas. São verdadeiras obras primas o que não quiere dizer que outras não haja.

Mas é vêr como na «Fome» ha a expressão angustiada e nas «Céguinhas» o ar nevoento que as cegas têm. Como ha concentração no «Pensador» e como os «Fundidores» ressumam movimento e verdade. As «Céguinhas» e o «Frio» estão no Museu do Luxemburgo, cá fóra, á porta. E sobre o grupo do «Frio» estende-se a ramaria de uma arvore que em dias ou noites de chuva, camarinha o bronze e faz ainda tranzir mais as figuras. E é de ver quando a neve cae como o grupo dos dois pobresinhos parece mais chegado, mais unido para que o mesmo calor aqueça os corpos e tonifique as almas. «La Pensée» de Rodin é um marmore admiravel como «Le baiser à la source» é um sonho poetico digno da pedra em que foi esculpido.



LA PENSÉE, uma das obras capitaes de A. Rodin — Museu de Luxemburgo.

Quanto á «Tormenta» de M^{me} Girardet é um grupo cheio de sentimento e a gente segue com a alma a tragedia que os olhos pavidos das figuras parecem ver. E' uma scena da beira mar, a tragedia do litoral piscatorio quenós, como povo marítimo, sentimos tanto.

A «Bachante» de Moreau Vauthier é uma linda obra da escultura franceza moderna e a «Tempestade» de Raul Larche é um grupo simbolico e altamente suggestivo. «A Tempestade» deve ser aquela mulher irada que tudo quer despedaçar no seu impêto. Grande cousa é o genio que sabe interpretar os elementos e as almas.

Os grupos de Octobre e Suchett são duas magnificas, grandiosas e impressio nantes obras. Nos «Remorsos» a ideia vinca-se com o vigor de uma scena de Eschylo, de Sophoches ou de Schakespeare. Ha qualquer coisa da tragedia grega, algo da rudeza shakespeareana que nos domina e esmaga. Devem ser assim, perseguidores, tremendos, obsidentes, pertur-

bantes os remorsos. Quanto ao «Rapto» ele permite-nos vêr como o escultor sabe modelar e dar vigor anatomico aos corpos sem excluir a graça infinita da linha geral equilibrada e artistica.

E a Arte impõe-se-nos. Ha mesmo quem prefira ao Louvre, a catedral da arte antiga o Luxemburgo, o sacrario da arte moderna.

Mas são duas cousas tão distinctas. O Louvre é toda a Arte, o Luxemburgo é a arte do nosso tem-



Salon de 1905 — Henri Coutheillas



po. Mas que maravilhas haveria ainda a revelar ao leitor da escultura espanhola, inglesa, italiana, alemã, da escultura brasileira, americana e argentina! Não. Não pensamos mais do que em fazer com que o lei-



tor poisasse os olhos em algumas coisas belas da arte do nosso tempo. Quanto á escultura portuguesa, essa não ficou esquecida.

E' que nós também temos belezas e também no altarda arte depuzemos o nosso tributo. Mas isso são contos largos que outro dia contaremos ao leitor.



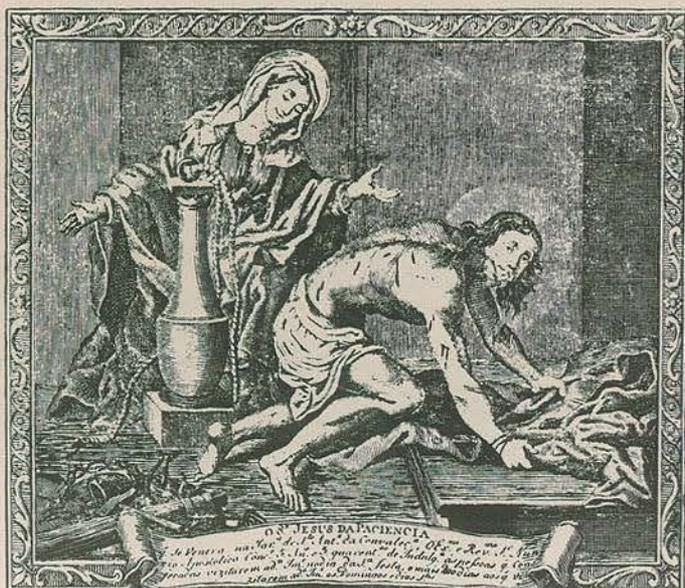
CÊGUINHAS, por H. Lefebvre. (Museu do Luxemburgo). — A FOME, por Paulo Roger-Bloche. (Paris, Palacio de Belas-Artes). — O PENSADOR, de Rodin. — O FRIO, por Paulo Roger-Bloche. (Museu do Luxemburgo). — OS FUNDIDORES, por C. Meunier. (Museu do Luxemburgo).

A ICONOGRAFIA RELIGIOSA POPULAR

NAS festas e romarias, quer condecorando as bandas dos casacos, das jalecas, dos capotes de homens e de rapazes, quer adornando o colo das mulheres, quando não erectos nos chapeirões como trofeus, os registos indulgenciados e ingenuos dos santos protectores constituíam outr'ora a lembrança, o mimo que ninguem se dispensava de adquirir para flunar em arraiaes e feiras, enriquecer o oratorio domestico, se o havia, ou ornamentar, depois de emoldurados com laçarotes e florinhas de papel de cores bizarras, as paredes da modesta habitação, em muitas partes museu ethnografico e agiografico elucidativo e curioso. Não está totalmente perdida a tradição dos registos, nem sequer nas cidades onde, no entanto, lhes tomou a primasia a estampa artistica e tantas vezes pretençiosa que nos vem de Paris, lu-

Registos de santos e devoções populares
— A gravura ingenua e a gravura artistica
— As pequenas obras de arte e de devoção.

crativo comercio das lojass de S. Sulpicio, e que se internacionalizou, emquanto as gravuras nacionaes ou as representativas de santos portuguezes e de devoções nossas foram recto lhenho ás pastas dos colecionadores ávidos, laboriosamente rebuscadas no *pêle-mêle* poeirento dos ferro-velhos e nos fundos insondaveis e cheirando a bafio dos arcazes ecclesiasticos... As devoções de Lisboa reflectiam-se, ainda ha poucos : anos, nos letreiros das esquinas, em que quasi exclusivamente se mencionavam e homenageavam as figuras do agiologio, os mysterios dos dogmas e as virtudes theologaes. Outro documento da piedade do povo lisbonense, e pode dizer-se do portugûes em geral, consistia nos registos ou estampas, gravados em madeira ou em cobre, frequentemente com amorosas sollicitudes de buril que pretende ser fiel na reprodução; quasi sempre, porém,



dos e de que abundam os mais variados, os mais coloridos, os mais delicados registos...

As estampas de maior devoção e procura em Lisboa foram sempre, e talvez o sejam ainda agora, apesar dos santos novos, as do Senhor dos Passos da Graça e da Senhora da Saude. Fóra de Lisboa, nos seus suburbios, teve grande voga, antes do regimen de Separação, o culto deambulatorio da Senhora do Cabo, cuja imagem, de regia berlinda, percorria vinte e cinco freguezias do patriarcado, demorando um ano em cada uma. Os registos e medalhas da Senhora andavam nas mãos ou ao peito de todos os devotos do cirio que era dos mais festivos e concorridos.

A Senhora da Atalaia, na Outra Banda, santuario anualmente frequentado pelosromeiros da capital e das vilas circumjacentes, é tambem das devoções cujos registos ainda se toparam com abundancia. Na provincia, e sobretudo no norte, entre os mais vulgarizados documentos iconograficos contam-se os registos do Bom Jesus do Monte e da Senhora do Sameiro, da Senhora dos Remedios, em Lamego; do Senhor de Matosinhos, de S. Torquato de Guimarães, da Senhora de La Sallette, em Oliveira

de Azemeis; da Senhora do Naso, de Miranda do Douro... Em Lisboa, o devoto ou o colleccionador podem procurar não só nos alfarrabistas e nas lojas de objectos de culto os registos antigos e modernos, mas ainda nas mesmas igrejas, por occasião das festas. Junto do guarda-vento é costume colocar-se uma meza e sobre ela a imagem, em miniatura, do Senhor, da Senhora ou do santo ou santa que se festeja, entre dois palmitos e duas velas. A cada lado,

em bandejas, os registos, os terços, as medalhas, e, sentada junto da meza, com os seus escapularios e as suas insignias, uma grave senhora que a troco de qualquer obulo nos presenteia com uma estampa ou uma medalhinha. Nesse posto de honra, durante as longas horas do Lausperenne, respirando o peculiar aroma do recinto sagrado, em que o perfume das flores que emurhecem nas jarras e o do incenso que paira no ambiente se casam com o da cêra que arde ante Jesus-Hostia, revesam-se, como servas do Senhor, olhos no trono e olhos na generosidade dos

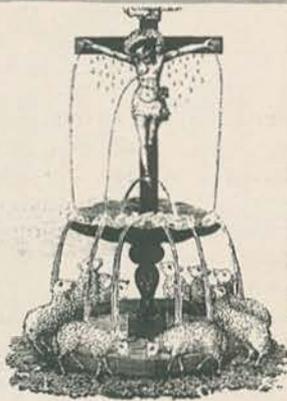
fieis, as «mordomas», as festeiras, as piedosas beatas que assim tratam de adquirir ainda mais titulos para a conquista da misericordia de Deus e das celestes graças...

Do mesmo modo que os nossos imaginarios foram desaparecendo sem que fizessem escola e apenas nos ultimos anos um ou outro tem surgido embora influenciado, por via de regra, pela arte industrial, de ordinario pouco feliz, de França ou de Italia, assim tambem os registos classicos se foram sumindo e a invasão estrangeira penetrou até ás mais afastadas e obscuras aldeias. O tradicionalismo eclesiastico, escrupulosos e admiravel em seus

aspêtos, deveria procurar manter esta interessante forma de culto: a dos registos bem portuguezes, por artistas portuguezes executados. Os registos são para muitos devotos das classes populares, ainda para os quasi paganizados, como que retratos de familia a que se destina o melhor logar na decoração interior da casa mais humilde, onde constituem o paladio de benção... A simplicidade rustica vae até collocal-os, por exemplo, nas cabeças do gado que pas-



No Paço de Alcântara, Lisboa, Museu do Patriarcado N.º 77. L.



SENHOR JESUS & NECESSIDADE



O VERDADEIRO RETRATO DO MENINO JESUS DOS ATRIBULADOS.
Que se encontra na Igreja das Relig. Thomaz de Mecoimbo



MÃO DA NOSSA MADRE S^{ta} THERESA DE JESUS,
Que se encontra dentro do convento das Religiosas Carmelitas Descalças de S.^{to} Alberto de Lisboa

seja em torno da ermida circular de S. Mamede, nos arredores de Cintra, para que o céu, por intermedio desse bemaventurado, o preserve de doenças e lhe proporcione longa vida fecunda em trabalho. A fé transporta montanhas!

Nas representações iconograficas, quantas ingenuidades e quantos pormenores! A historia de um milagre, a historia d'uma aparição completam, por vezes, o registo representativo da imagem de Jesus, de Maria ou dos seus santos. Entre dezenas citarei, ao acaso, a devota estampa de um santuario que teve um momento celebre a dois passos de Lisboa: Nossa Senhora de Carnaxide. O registo mostra-nos a gruta em que apareceu a imagem e fixa as circunstancias em que ela foi descoberta. O culto da Virgem sob aquela invocação, no breve lapso de tempo em que dominou o miguelismo e se deu a readmissão dos padres da Companhia, foi fervoroso, para logo decaír com o estabelecimento da monarchia liberal e a expulsão dos jesuitas...

Volvidos anos, um poeta illustre que como homem de Estado e como parlamentar teve tambem a sua aura, Tomaz Ribeiro, dedicou os seus carnes á Senhora de Carnaxide e renovou a devoção decadente e quasi extincta. D'aí veiu o chamarem-lhe os adversarios politicos, em tom de graça aliás inofensiva, o «Tomaz da Aparecida», designação esta que o vulgo dava á ima-

gem encontrada na gruta. Ainda hoje semelhante devoção se mantem sob o patrocinio da notavel poetisa que é D. Branca de Gonta Colaço, filha do auctor do *D. Jaime*.

Numerosos registos recordam épicos episodios dos nossos periodos de gloria. São as imagens

que acompanharam os heroes no fragor das batalhas, perante quem os cavaleiros oravam e que os soldados conduziram á sua frente em busca da vitoria, confiantes na divina colaboração. Seria um dos mais interessantes capitulos da nossa historia anedotica, da nossa historia mistica e da nossa historia guerreira o album que se formasse com os registos da imagens que intervieram nos combates, nas conquistas, nas viagens, nas descobertas dos nossos dominios, acompanhados de breves explicações.

Para que esse album nada deixasse a desejar, juntar-se-lhe-hiam as reproduções dos registos dos santos nacionaes, não esquecendo a iconografia de Nun'alvares, cujo culto se trata de reacender. A bibliografia catolica em Portugal é muito reduzida, muito pobre; se houvesse, porém, um editor que se abalancasse a semelhante empreza, não perderia—creio—o seu tempo e o seu dinheiro, desde que se não pretendesse apenas fazer uma obra de mero proselitismo religioso, e tambem se tivessem em vista intuitos nacionalisadores e patrioticos...



Avelino de Almeida.

UMA GREVE EM INGLATERRA

A greve dos ferroviários ingleses— Como a nação se defendeu e se impoz— Como agem as nações que desejam trabalhar.

A greve dos ferroviários em Inglaterra pouco mais durou do que o tempo que duraram as celebres rosas de Mathesherbes. E' que, paiz essencialmente trabalhador, a Inglaterra viu que a paralisação do trafego ferroviário era uma questão vital e a nação em pezo se mobilizou para que essa pa-



Sir. R. Cooper indo ocupar voluntariamente o posto de sinaleiro.



Outros, igualmente ricos, igualmente celebres, pilotaram, carregaram, venderam bilhetes, revisaram, fizeram o serviço dos ferroviários e o serviço melhor ou peor fez-se. Não houve atos de sabotage e a greve algumas horas depois terminava, com vantagens até para os proprios grevistas. A' hora que o sinistro bolchevismo ameaça o mundo é belo registrar que a massa consciente de uma nação se lhe opõe e repele os seus manejos. E compare-se o que se fez em Inglaterra, em que os ferroviários são mais, imensamente mais, com o que se fez entre nós em que a ultima greve se eternizou a ponto de julgar a gente que era de novo o tempo em que para ir ao Porto a gente ia de diligencia, deixando rins e costelas pelo caminho.



Lord Montagu de Beaulieu pilotando a maquina do expresso de Bournemouth e Londres. — Lord Cholmondeley arvorado em carregador na Estação de Paddington. — A Estação de Waterloo abandonada no primeiro dia da greve. O bispo de Londres arvora-se em condutor dos carros do leite para que ele não falte na cidade.



Lord Lawrence, o famoso heroe da India, como bagageiro-voluntario na Estação de Wembley Park.

rilisação se não desse. Realmente não se deu. «Lords» e grandes homens todos levaram para a solução do caso o seu esforço e a sua energia. Assim, como as nossas gravuras o mostram, «lord» Lawrence; um heroe, não se digna de fazer fretes com malas e baús ás costas.



A «GREVE» EM CARICATURA. A pollicia garante o serviço de comboios. (Do London Mail)

NO INSTITUTO FEMININO EDUCAÇÃO E TRABALHO A VISITA DO Sr. NORTON DE MATOS



No Instituto
Militar de Ar-
roios

A filha do
sr. Norton de
Matos e algu-
mas das senho-
ras enfermei-
ras



O sr. Nor-
ton de Ma-
tos, a sr.^a
D. Ana de
Castro Oso-
rio e o sr.
dr. Toxar
de Lemos.



O sr. Norton de Matos visitou demonstradamente o Instituto Militar de Arroios acompanhado de sua esposa, filha e da sr.^a D. Ana de Castro Osorio. No Instituto que tanto lhe deveu aquele homem publico o carinhoso acolhimento que a sua obra bem mereceu.



Uma enfermeira.

No I. F. Ed. e Trabalho

Grupo de professores.

O sr. ministro da guerra e os seus ajudantes, com os professores e alunos.

(Clichés Serra Ribeiro).





Em S. João do Estoril

RECITA DE CARIDADE

EM S. João do Estoril realizou-se ultimamente uma festa de caridade que foi um espectáculo verdadeiramente encantador. Recitação de versos, duetos, canções populares, «couplets», baillados, tudo as gentis e pequeninas interpretes animaram com a sua infantil alegria. N'essa festa se reuniram as crianças das melhores famílias que no Estoril se encontram e d'ela todos conservam deliciosas recordações. O Estoril, estância de prazer verdadeiramente paradisíaca, anima-se assim e junta aos encantos da natureza o perfume que lhe dá a mocidade e alegria que se diverte praticando o bem.

No grupo vêem-se as meninas Maria Amalia de Castro Oliveira, Maria Lucilla Alves Diniz, Maria Zulmira Alves Di-

niz, Maria Fernanda e Alda Diniz de Melo Rego, Consuelito e Margarita Peix Lladó e os meninos Agostinho Borges, Frederico Caroca Correia de Figueiredo, Julió Moreira de Vasconcelos e Hugo Ribeiro.

As nossas restantes gravuras são as meninas Consuelito e Margarita Lladó no papel de «Bonecas», a menina Maria Leonor Gomes, á moda do Minho e no grupo das vendedoras de rifas as meninas Alda Rego, Pepita Peix Lladó, Maria Lucilla Alves Diniz e o menino Jorge S. Rego.



(«Clichés» do sr. Mario Mendes Lopes)

ATUALIDADES

O sr. Presidente da Republica e os ministros da guerra e marinha, assistindo ao concurso.



19.º CONCURSO NACIONAL DE TIRO

O senhor Presidente da Republica entregando um premio a uma senhora atiradora que bastante se distinguio no concurso.

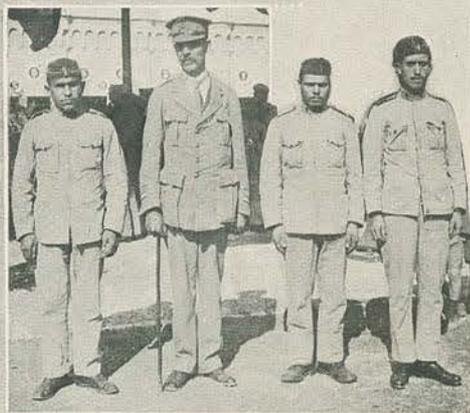


No 19.º concurso Nacional de Tiro, a «équipe» militar vencedora.



O ator João Rebocho recentemente falecido

A «équipe» vencedora, Grupo Patria. Da esquerda para direita: Antonio Martins, Dario Canas e A. Montez («Clíchés» Serra Ribelro)



O desastre na Escola de Aviação Maritima. Aspecto do enterro do infeliz grumete Manuel M. Folque.

O Concurso de Tiro em Pedrouços e o desastre da Escola da Aviação Maritima do Bom Sucesso, em que tragicamente o infeliz grumete Manuel Marques Folque perdeu a vida, foram os acontecimentos palpitantes da semana.

O Concurso de Tiro esteve concorridissimo e despertou grande entusiasmo. As nossas gravuras dão as duas «équipes» vencedoras, a do

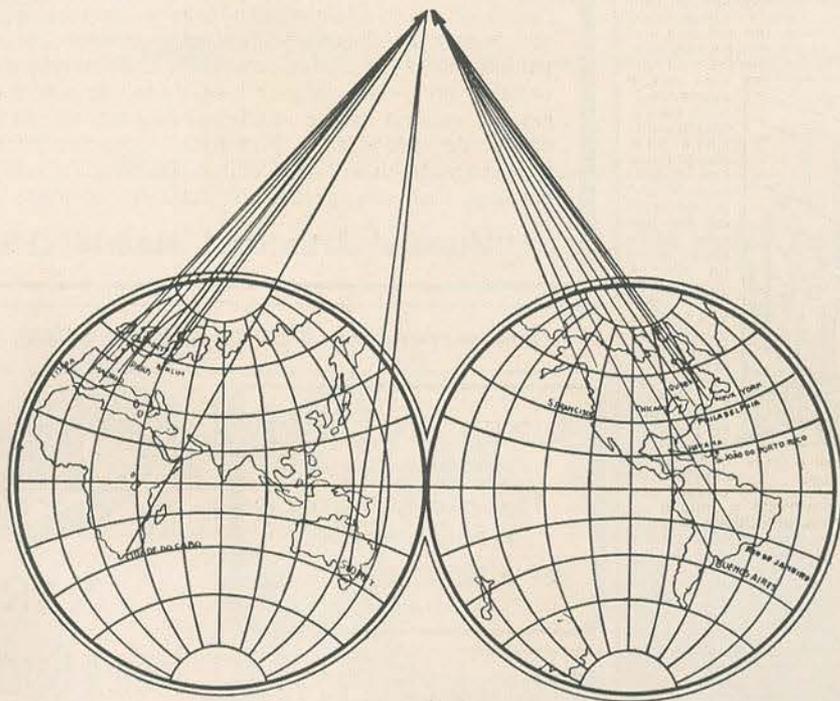
exercito e a civil e dão varios instantaneos do sr. presidente da Republica, que assistiu á distribuição de premios. O enterro do mecanico foi uma cerimonia comovente e imponentissima, fazendo-se n'ela representar o sr. Ministro da Marinha e os varios corpos de mar e terra, cobrindo o feretro a bandeira nacional.

1841 — 1919

A GUERRA ACABOU

O que pensa V. S.^a acerca do seu negocio de *Exportação e Importação*?
Por intermedio das nossas 245 Sucursaes estabelecidas nas 5 partes do Mundo,
pómos todos estes sitios em relação directa com

V. S.^a



Fornecemos

INFORMES COMERCIAES, sobre todas as casas do mundo;
LISTAS de fabricantes, exportadores e importadores de qualquer artigo;
CARTAS DE APRESENTAÇÃO gratuitas, para todas as nossas Sucursaes.

AGENCIA INTERNACIONAL DE INFORMES COMERCIAES

R. G. DUN & Co.

Fundada em New-York em 1841

245 Sucursaes nas cinco partes do mundo

78 anos de existencia

A CASA DUN

Unica Agencia de Informes Comerciaes que possui DEZ Sucursaes proprias na Península:

BARCELONA BILBAO LISBOA MADRID
MALAGA MURCIA PORTO SEVILLA
VALENCIA VALLADOLID

CENTRAL PARA PORTUGAL: 103, Rua do Comercio—LISBOA

SUCURSAL: 10, Rua do Almada—PORTO

M. FONT

A. MASCARÓ

Director geral para a Europa Occidental

Director para Portugal e Colónias

1919 — 1841

LANCE A SUA FUNDA AO FOGO

Milhares de pessoas são curadas completamente e abandonam as suas Fundas.

Todas as importantes descobertas em comunicação com a Arte de Curar não são feitas por pessoas medicas. Existem excepções e uma d'ellas é verdadeiramente a maravilhosa descoberta feita por um intelligente e habil velho, William Rice. Depois de ter soffido durante bastantes annos de uma hernia dupla, a qual todos os medicos declaravam ser incuravel, decidiu se dedicar toda a sua energia em tratar de descobrir uma cura para o seu caso. Depois de ter feito toda a especie de investigação velu por casualidade deparar com o que precisamente procurava e não só poudo curar-se a si proprio completamente, assim como a sua descoberta foi provada em todas as classes de hernias com o maior resultado, pois ficaram todas absolutamente curadas. Talvez que V. S.ª já tenha lido nos jornaes algum artigo acerca d'esta maravilhosa cura. Que V. S.ª tenha já lido ou não, é o mesmo, mas em todo caso certamente que se alegrará de saber que o descobridor de esta cura



Cure V. S.ª a sua hernia e lance a sua Funda ao fogo.

oferece-se envlar gratuitamente a todo o paciente que sofra de Hernia, detalhes completos acerca d'esta maravilhosa descoberta, para que se possam curar como elle e centenaes de outros o tem sido.

A Natureza d'esta maravilhosa cura efetua-se sem dor e sem o menor inconveniente. As occupaões ordinarias da vida seguem-se perfeitamente emquanto que o Tratamento actua e CURA completamente—não dá simplesmente alivio—de modo que as fundas não se tornarão necessarias, o risco de uma operação cirurgica desaparece por completo e a parte afetada chega a ficar tão forte e tão sa como d'antes.

Tudo está já regulado para que a todos os leitores d'este jornal, que sofram de hernias, lhe sejam enviados detalhes completos acerca d'esta descoberta sem equal, que se remetem sem despeza alguma e confia-se que todos que d'ela necessitem se aproveitarão d'esta generosa oferta. E' sufficiente encher o coupon incluso e enviar-o pelo correio a direcção indicada

COUPON PARA PROVA GRATUITA.

WILLIAM RICE (S 944), 8 & 9, Stonecutter Street, Londres, E.C., INGLATERRA.

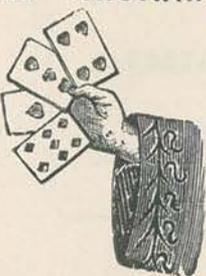
Nome.....
Endereço.....

Creme Palmyra

DE RESULTADO MUITO EFICAZ

Preparado de pureza garantida. Frascos: 4\$000 rs., 2\$500, 2\$000, 1\$500 e 800 rs. Dep. geral: Calçada do Sacramento, 7, 2.ª. Telefone 4.339 centr.

M.ª VIRGINIA CARTOMANTE-VIDENTE



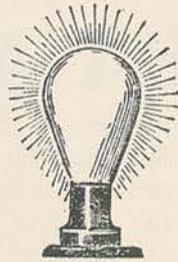
Tudo esclarece no passado e presente e prediz o futuro.

Garantia a todos os meus clientes: completa veracidade na consulta ou reembolso do dinheiro.

Consultas todos os dias uteis das 12 ás 22 horas e por correspondencia. Enviar 15 centavos para resposta.

Calçada da Patriarcal, n.º 2.1.ª, Esq. (Clmo da rua d'Alegria, predio esquina).

Novidade sensacional



“RADIUM”

Gratis a titulo de propaganda

AMPOLHA AUTOLUMINOSA

sem corrente, em pilhas e sem gastos de manutenção. Luz continua, funcionando durante annos, sem renovação alguma. Remete-se gratis a Senhoras e cavalheiros, que queiram

ser nossos colaboradores correspondentes, etc., desejosos de ganhar desde 8 escudos semanaes, trabalhando em facil e agradável labor, em qualquer localidade incluindo o estrangeiro, em sua propria casa e nas horas disponiveis. Artigos surpreendentes de “Novidades Mundiaes” surgidos durante a guerra. Remuneração immediata. Pedir o Boletim de solicitude, folheto catalogo illustrado, gratis, aos Estabelecimentos:

“Mundial Artistica” Madrid (ESPAÑA).

Vêr na proxima quarta-feira o Suplemento de Modas e Bordados (DO SEculo) Preço 3 cent

CASA RUBI

Telefone: Central 3851

Iluminação, hygiene e aquecimento.

120—R. DOS RETROZEIROS—122

— LISBOA —

Companhia do PAPEL DO PRADO

Sociedade anonyma de responsabilidade limitada

Acções.....	300.000\$000
Obrigações.....	285.630\$000
Fundos de reserva e amortização.....	300.000\$000
Escudos.....	1.008.630\$000

SEDE EM LISBOA, Proprietaria das fabricas do Prado, Marfanada e Sobrelinho (Tomar). Penedo e Casal de Herme (Lousã) Vale Malor (Albergaria-a-Velha). Instaladas para uma produção annual de 6 milhões de quilos de papel e dispoem dos maquinismos mais aperfeiçoados para a sua industria. Tem em deposito grande variedade de papéis de escrita, de impressão e de embrulho. Toma e executa prontamente encomendas para fabricações especiaes de qualquer quantidade de papel de maquina continua ou redonda e de fôrma. Fornece papel aos mais importantes jornais e publicações periodicas do paiz e é fornecedora exclusiva das mais importantes companhias e empresas nacionaes. — Escritorios e depositos: LISBOA, 270, rua da Princesa, 276, PORTO, 49, rua de Passos Manuel, 51. — Endereço telegrafico em Lisboa e Porto: — Companhia Prado. — N.º telef.: Lisboa, 605. Porto, 117.

Klidina

XAROPE

DE

IODO E GLICEROFOSFATOS ASSOCIADOS

para tratamento das

CREANÇAS

raquiticas, escrofulosas, linfaticas

Substitue o Oleo de Fígados de Bacalhau e o Xarope Iodo Tanico, com a vantagem de ter sabor agradabilissimo.

E' a medicação propria dos climas quentes

FORTALECE AS CREANÇAS ABRE-LHES O APETITE

Todas devem tomar

a

Klidina

PEDIDOS A DAVITA, L.ª DA

82. RUA EUGENIO DOS SANTOS LISBOA

Menstruação

Com as menstrinas reg.ª

Aparece e sem inconveniente no mais curto espaço de tempo dada a sua origem tonica e reconstituente seja qual for o caso que se empregue. Resultados garantidos.

Caixa com instruções 2\$50 e correio 2\$60. Lab. e Deposito: V. Ferrão, L. da Saude, 14. — Quintans, R. da Prata, 194. — Azevedos, Rocio, 51. — Netto Natividade, Rocio, 122 — LISBOA.



Redação, Administração e Oficinas — Rua do Seculo, 43—Lisboa

O LAR BOLCHEVISTA



*Em Petrogrado. O petiz, para a mãe;
— Qual d'estes é meu pai?
— São todos.*



PALESTRA AMENA

Remoçar

O outono

Sem recorrermos ao calendario, pouco nos importando que este sancione ou não o facto, participamos-lhes que acaba de chegar o sr. Outono, cavalheiro que não viamos ha um ano e que, n'este curto espaço de tempo, não fez mudança sensível em sua pessoa.

Achavamo-nos na varanda que dá para o sul, na nossa modesta choupana de campo, quando sua ex.ª appareceu. A anuncia-lo, baixou do alto um grande bando de gralhas, vestindo de negro—traje de cerimonia—e grandando saudações, com a voz enrouquecida pelo frio das noites passadas ao ar livre.

—Aí vem o sr. Outono! disseram elas.

Imediatamente, o campo fez os preparativos para a recepção condigna de tão importante personagem. As arvores cederam espontaneamente as suas folhas, para atapetarem o caminho; os srs. sapos saíram das tocas e enfileiraram nas margens das levadas, como que em continencia; violetas, que até ali se ocultavam envergonhadas, chegaram ás janelas, entre as heras, para perfumar o visitante, na passagem, e d'aí a momentos, efectivamente, chegava o referido sujeito.

Boa pontaria

Sabem vossas senhorias quem tem uma pontaria... e pêras? E' sua magestade el-rei Afonso XIII, de todas as Espanhas, o qual na caçada que o presidente Poincaré lhe offereceu matou nada menos de 2 cabritos, 105 coelhos e 125 faisões.

Outrem se admirará, que não nós: pri-



meiro, porque a pontaria d'um espanhol não é como a de outra pessoa qualquer, não havendo memoria d'um d'aqueles cavalheiros matar com um tiro menos de 20 peças de caça; segundo, um rei, seja de que nacionalidade fôr, nunca erra quando dispara, como tambem quando dispara nunca deixa de abater d'uma vez algumas duzias de peças. Ora, em Afonso XIII concorrem as duas circunstancias apontadas, quer dizer, é rei e hespanhol—logo as 250 peças acima referidas não constituem quantidades de espantar.

E já agora, aos que não estão no segredo d'estas coisas, nada nos custa revelar que em caçadas reais ha sempre

D'esta vez não vem carrancudo, antes risonho e claro; se não soprarse um tanto asperamente, dir-se-ia até que não era o sr. Outono que chegava mas alguma das suas irmãs mais velhas, as estações quentes.

Trocados os primeiros cumprimentos, convidámo-lo a entrar na adega e aproveitámos o ensejo para provar, em tão bela companhia, a pinga de vinho novo. Excelente, vinhinho, sim senhores, conforme o nosso hospede tambem confessou, tem um pico muito agradável, que faz arder a ponta do nariz de quem o bebe, e casa-se lindamente com o delicioso sabor das castanhas assadas, que antecipadamente tinhamos ingerido, a fazer bôca.

Pois é verdade: chegou o sr. Outono e encontrou-nos em bellissimas disposições para o recebermos, a trinta leguas de distancia da intrighada do arrendamento dos vapores ex-alemães, das reuniões dos «leaders» e dos «subleaders», dos armazens reguladores de preços de generos, dos preparativos para o congresso do P. R. L. e d'outras diversões igualmente interessantes. E' pena termos de o deixar d'aqui a poucos dias—mas ainda nos resta uma esperanza: a de que nova greve ferroviaria nos obrigue a não partir para Lisboa.

J. Neutral.

o cuidado de apanhar com antecedencia a caça, de a engaiolar e de prender as gaiolas em sitios apropriados, a distancias suficientemente curtas para que a regia carabina não faça má figura.

Foi, muito provavelmente, o que se fez em Rambouillet, com os coelhos e os faisões; quanto aos cabritos, está-se a ver que o governo francês não teve igual condescendencia, entregando apenas dois á habil pontaria de sua magestade catolica, por coerencia com as recentes declarações do sr. Clemenceau, no discurso em que pregou contra o despoivoamento da França.

E' inutil acrescentar que fazemos estas declarações com todas as reservas, isto é, pedindo ao leitor o maior segredo, para evitar complicações internacionais.

Livros, livrinhos e livrecos

Perdoar, de Americo Durão. — Trata-se d'uma peça recebida e representada na ultima época no teatro Nacional, onde agradou. E' estreia como autor dramatico d'um poeta de verdadeiro valor, muito novo ainda, prometendo, por isso, obras que definitivamente o consagram.

Perdoar, lê-se, como se ouviu, com agrado. Uma observação apenas, que a critica decerto lhe fez quando a peça subiu á scena: ella só é regional — como Americo Durão a classifica — pelo scenario e pela indumentaria. Desejaríamos que mais fundadamente se caracterisasse como tal.

Afinal de contas quem é velho é porque quer. Um sabio estrangeiro, segundo revelam os jornais, acaba de descobrir o meio dos velhos voltarem á mocidade, meio extremamente simples, o qual consiste em substituir certas glandulas de pessoas gastas pela idade por glandulas semelhantes, de pessoas ainda moças. E pronto.

Ora fique sabendo o refinadissimo sabio que está redondamente enganado se supoz que nos era agradável com o seu invento; se fosse conveniente voltar-se a novo, ha muito tempo que nós



tinhamos resolvido o problema, applicando as nossas faculdades, que são poderosissimas, como se sabe, a tal fim.

Mas não. Ser velho, temo-lo reconhecido, é um bem, e regressar á mocidade não traria senão inconvenientes como é facilimo demonstrar. Quem tal não crê, siga os nossos raciocinios!! é ou não é a vida um sanatorio de prazeres e de dôres, em que estas são em numero consideravelmente superior áqueles? E'. Estão ou não os velhos mais perto de se libertarem da via dolorosa do que os novos? Estão. Fazem ou não os velhos menos tolices do que os rapazes, quanto mais não seja porque já não teem tempo nem faculdades para fazer tantas? Fazem.

—Mas como os velhos, pela sua experiencia, possuem a sabedoria que os novos não podem ter, a pessoa que remoçar ficará sendo novo e ao mesmo tempo asisado, dirão os que nos queiram contraditar.

Laborem em erro. Na maior parte das vezes os velhos só por não terem tempo nem faculdades, como dizemos, fazem menos asneiras do que os rapazes, mas a verdade é que as poucas que fazem são do mesmo ou superior calibre, conforme o resa o ditado «duas vezes somos crianças». De onde, o velho que voltasse atraz accumularia disparates sobre disparates, tornando não apenas inutil, mas prejudicial, a operação a que se teria sujeitado.

Resumo d'estas filosoficas considerações: deixe-se estar cada um com as glandulas com que nasceu.



Fado bolchevista

MOTE

Comer, beber e dormir
E outras coisas que eu cá sei
E' do fiel bolchevista
Caracter, costume e lei.

GLOSA

A maldita burguezia
Julgava o mundo só d'ela,
Andava na bresundela
Toda a noite e todo o dia.
Era pouco o que fazia
E esse pouco era a fingir;
Trabalhar? Estás-te a rir,
Era coisa proibida!
Só tinha trez fins na vida:
Comer, beber e dormir.

Um dia pensei, assim:
Um homem não é de gesso;
O mundo está do avesso,
Vou virá-lo para mim.
Vou também comer, enfim,



Vou beber que nem um rei,
Vinte horas dormirei
Ou aquelas que eu quizer,
Vou ter pagode, mulher
E outras coisas que eu cá sei.

Armei na Russia um banzé,
A' massa chamei um figo;
A mulher do nosso amigo
Nossa amiga também é,
Não deixei ficar de pé
O menor capitalista;
O palacio mais fadista,
As minas, os cabedais,
Tudo isso e muito mais
E' do fiel bolchevista.

O diabo, está-se a ver,
E' que, como na baralha,
Agora ninguém trabalha
Pouco temos p'ra comer.
Deixal-os, porém, dizer,
Que se não goso, gosei;
Se rebentar, rebentei,
Não vale ralar-se a gente
Nem ter, como antigamente,
Caracter, costume e lei.

Mandriof Rataçovit.

EM FOCO

O oficial de barbeiro



O primeiro logar esta semana
Pertence ao meu barbeiro, de direito,
Que, por um pouco mais, levava geito
De passar muito além da Taprobana.

Mostrou que era valente d'uma cana,
A' navalha e á tesoura, ás armas feito
E impoz assim ao mundial respeito
Mais uma vez a raça lusitana.

Como todo o varão assinalado
Foi generoso e bom: não quer gorgeta,
Mas não lamentes, Nise, o seu estado.

Porque vai receber (diz a gazeta)
Uma tal dinheirama de ordenado
Que, comparado ao meu, parece pêta!

BELMIRO.

Analogias

Tenham a condescendencia de ler o seguinte trecho do parecer da comissão da administração publica sobre o projecto de lei do deputado sr. Francisco da Cruz, reanexando a freguezia de Vale de Cavalos ao concelho da Chamusca:

«Como no proprio relatório do projecto se revela, não mais desde a desanexação se efectuaram casamentos e outros actos identicos».

Leram? Muito bem. Agora perguntarão, provavelmente, quais são os actos que se podem considerar identicos aos casamentos e que nunca mais se efectuaram em Vale de Cavalos.

Pois tal pergunta não abona em demasia a vossa intelligencia. Parecendo, á primeira vista, que não existem esses actos, é facil averiguar que muitos ha identicos aos casamentos, como se vai ver.

Acode logo ao pensamen'lo, por exem-



plo, que o acto de comer nozes com pão dá, muito aproximadamente, idéa do matrimonio, visto que a mistura d'aqueles dois ingredientes saber a casar. Mas ha mais: que foi a tusão,

dos partidos evolucionista e unionista senão um acto analogo ao casamento?

Pomos ponto, porque ao leitor estão ocorrendo muitos outros nas mesmas condições, tornando-se ocioso puxarmos mais pelo nosso luminoso bestunto.

Chás das quartas feiras

Com o devido respeito, temos a dizer que a camara dos deputados nem sempre usa d'aquella correccção que muito abona as pessoas bem educadas. Se não, vejamos o que conta o *Seculo*,



na sua edição da noite d'um dos dias da semana passada:

«O sr. Augusto Dias da Silva, deputado, pediu licença á sua camara para não comparecer nas sessões das quartas feiras. Um colega pergunta.— Dá chá ás quartas? A camara autorizou e sorriu.»

Pois fez muito mal em sorrir, assim como o colega fez muito mal em largar a piadinha.

Não senhores: o sr. Augusto Dias da Silva não dá chá ás quartas, porque o chá é um simbolo incompativel com as democracias. O que pode e está no seu direito de dar é a sua decilitrada aos amigos, como bom patriota que é.

Ora os chuchadores!

O novo regime barbeiral



O freguês, para o barbeiro:

—Se vossa ex.^a quizer ter a amabilidade de me dar a gorgeta, que eu antigamente costumava dar a vossa ex.^a, aceito e agradeço...